

Ética na autoria de artigos científicos e seus reflexos na geografia física brasileira.

André Augusto Rodrigues Salgado
Professor Adjunto do Departamento de Geografia – IGC/UFMG

Resumo

Nos últimos anos foi introduzida na Geografia brasileira, com a adesão de pelo menos um prestigiado periódico científico nacional, a idéia de que não seria ético um artigo científico de Geografia possuir mais de dois autores. O presente trabalho demonstra que este conceito é extremamente equivocado para a Geografia Física e que sua adoção por outros periódicos brasileiros põe em risco o desenvolvimento da Geografia brasileira como um todo.

Abstract:

In recent years, in Brazilian Geography, the idea that it would be unethical for a scientific Geography paper has more than two authors gained adepts. Among these adepts, there is a national prestigious scientific journal. The present paper demonstrates that this concept is extremely misleading to the Physical Geography and its adoption by other Brazilian scientific journals endangers the development of Geography in Brazil.

Recebido 02/2012
Aprovado 03/2012

Palavras-chave: Autoria de artigos científicos; Geografia Física; Geografia Brasileira; Ética.

Key words: *Authorship of scientific papers; Physical Geography; Brazilian Geography; Ethics.*

geosalgado@yahoo.com.br

Introdução

No ano de 2009 um aluno de mestrado em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que havia sido co-orientado pelo autor do presente texto, resolveu submeter um artigo de sua autoria elaborado em conjunto com mais três co-autores – seus dois orientadores de mestrado e um bolsista de iniciação científica – para o prestigiado periódico *GEOUSP* que é publicado pelos programas de Pós-graduação em Geografia da Universidade de São Paulo (USP). Para surpresa de todos os autores do referido artigo, o mesmo foi imediatamente recusado em razão de ter quatro autores. Naquela época a *GEOUSP* só aceitava artigos com, no máximo, três autores. Há de se ressaltar que pouco tempo depois, esta revista se tornou ainda mais restritiva nesta norma, pois diminuiu de três para dois o número máximo de autores por artigo.

As razões desta limitação do número de autores por artigo na *GEOUSP* mantiveram-se totalmente obscuras para o autor deste texto até a realização do IX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE) realizado em 2011 na cidade de Goiânia/GO. Neste encontro, a mesa intitulada “*A pesquisa e a produção geográfica: desafios e avanços na pós-graduação*” teve como um de seus debatedores uma professora titular da USP e que é também bolsista nível 1 do CNPq. Esta docente, em sua fala, fez uma defesa apaixonada da tese de que seria antiético a um docente publicar um artigo em co-autoria com seus orientandos. Defendeu ainda a impossibilidade de um artigo científico em Geografia possuir mais de dois autores. Diante do acima exposto foi possível ao autor deste texto deduzir que existem relações entre este discurso e a limitação do número de autores que o periódico *GEOUSP* impõe aos trabalhos que lhe são submetidos. Foi possível ainda deduzir que esta não era uma opinião isolada dentro da Geografia da USP, pois se tornou regra na revista publicada pelos programas de pós-graduação em Geografia daquela universidade. Deste modo, e considerando-se que a Geografia da USP, até pela sua antiguidade, é um dos maiores formadores de opinião da Geografia brasileira, torna-se necessário e urgente discutir este conceito de ética na produção de artigos científicos em Geografia no Brasil. Principalmente em razão de que este conceito é radicalmente oposto aquele presente nas Ciências Exatas e da Terra, ciências estas que possuem íntima afinidade com uma importante parte da Geografia: a Geografia Física.

Neste contexto, insere-se o presente texto que visa colaborar com a discussão em torno da validade da ideia de ser antiética a produção de artigos científicos com vários autores e co-autores para a área da Geografia Física e os impactos que a propagação desta ideia causariam na Geografia brasileira.

A questão da autoria de artigos científicos na geomorfologia na geografia física

A Geografia Física é composta por uma série de subáreas que dialogam intimamente com outras áreas das ditas Ciências Exatas e da Terra. Entre estas subáreas, a de maior desenvolvimento no Brasil é a Geomorfologia. Tal fato é facilmente comprovado no site do CNPq (CNPq, 2012) onde é possível verificar que a imensa maioria dos bolsistas de produtividade científica em Geografia Física no Brasil são geomorfólogos.

A Geomorfologia mundial apresentou uma rápida aceleração na sua produção do saber a partir da última década dos anos oitenta. Summerfield (1991) sustenta esta afirmação com base no fato de que,

anterior aos anos oitenta, a geomorfologia era uma ciência muito descritiva e intuitiva, com pouca relação com as áreas afins como, por exemplo, a geoquímica, a geologia e a geofísica. No entanto, a partir da referida década, a Geomorfologia se aproxima e passa a se utilizar de meios laboratoriais existentes nestas ciências como, por exemplo, a geocronologia. Tal aproximação permitiu confirmar ou refutar idéias, teorias e hipóteses que antes não apresentavam possibilidade de verificação. Este processo que a nível global se manifesta mais pronunciadamente nos anos oitenta, no Brasil ganha impulso com uma década de atraso, ou seja, nos anos noventa do século vinte. Isto significou, tanto em termos de Brasil, quanto em termos globais, não só um salto qualitativo e um amadurecimento na produção do conhecimento geomorfológico, como também significou algo ainda muito pouco discutido na epistemologia da Geografia: um afastamento ainda maior da Geomorfologia para com a Geografia Humana em favor de uma aproximação com a Geologia, Agronomia, Geoquímica e etc. Os métodos de análise e de redação dos resultados obtidos utilizados pela Geomorfologia moderna são, na prática, muito semelhantes, senão iguais, aqueles utilizados pelas demais Ciências Exatas e da Terra. Isto quer dizer que os artigos científicos tendem a serem mais objetivos e menos descritivos. As discussões são embasadas principalmente em dados laboratoriais e a própria redação do artigos tende a ser mais sucinta. Neste contexto, torna-se cada dia mais difícil para a Geomorfologia produzir resultados de forma diferente do formato que estas demais Ciências Exatas e da Terra produzem. Por consequência, cada dia os geomorfológicos tendem a apresentar mais artigos assinados por vários autores.

Um rápido exemplo hipotético serve para ilustrar tal afirmação: Imaginemos um doutorando que estudando uma área rica em voçorocamentos queira provar que os mesmos, apesar de ocorrerem sobre um manto de alteração geoquimicamente muito evoluído, se desenvolvem sobre antigos colúvios. Este doutorando para realizar um bom trabalho seria obrigado a utilizar múltiplas metodologias de análise. No nosso exemplo hipotético ele escolheu: (1) a micromorfologia, (2) análises químicas de concentração de titânio no perfil de alteração e (3) isótopos cosmogênicos. No caso de uma escolha como esta, seria praticamente impossível ao doutorando encontrar no Brasil e mesmo no mundo inteiro, um orientador que trabalhasse com desenvoltura com os três métodos, pois são, todos, métodos muito complexos e que necessitam de anos de dedicação para que um pesquisador tenha domínio sobre os mesmos. Afora este fato, o estudante em questão não encontraria no Brasil um único laboratório capaz de realizar todas estas análises, ou seja, trabalhar com as três metodologias. Neste contexto, mesmo que o trabalho seja realizado pelo doutorando, será impossível ao mesmo realizá-lo sem o apoio intensivo de mais um, dois ou três pesquisadores, além do apoio do seu próprio orientador. Este apoio não se limitará às análises laboratoriais. De certo, este apoio se estenderá a discussão dos resultados e até na redação dos artigos. Há de se ressaltar que no exemplo aqui apresentado, o orientando iria precisar de horas de trabalho no microscópio ao lado do orientador ou do co-orientador para conseguir interpretar as lâminas na micromorfologia. Dedicção semelhante ele necessitaria dos professores/pesquisadores que fossem lhe orientar nas análises químicas de concentração de titânio no manto de alteração ou na mensuração da concentração dos isótopos cosmogênicos. Sendo assim, o texto produzido pelo aluno não seria um texto apenas dele. Não seria um texto resultante do amadurecimento intelectual solitário do aluno, onde o orientador foi apenas um interlocutor. Seria sim, um texto discutido e produzido por uma equipe. Escrito a várias mãos. O aluno seria apenas o autor principal, não o único! Logo, seria completamente antiético publicar

este texto excluindo de sua autoria todos aqueles pesquisadores que tiveram participação ativa na produção dos dados e na discussão e redação dos resultados!

O exemplo hipotético acima apresentado, por tratar de um tema de interface entre Geomorfologia e Pedologia, prova que as conclusões apresentadas para a autoria de artigos científicos na Geomorfologia também são válidas para a Pedologia. Quanto a Climatologia, embora esta não seja tratada de forma mais minuciosa neste texto, pode-se afirmar que o advento de satélites mais potentes, de meios mais modernos na física, astrofísica, meteorologia e etc, fazem com que ela também siga, em linhas gerais, a mesma tendência que aqui foi apresentada para a Geomorfologia. Quanto a Biogeografia, a mesma apresenta-se como, dentre as subáreas da Geografia Física, a que menos se desenvolveu no Brasil. No entanto, mesmo ela não foge a esta regra. Como prova, o autor deste texto pode apresentar a experiência dele próprio em trabalhos que desenvolve atualmente nesta subárea do conhecimento junto com biólogos. Estes trabalhos visam compreender como fatores como substrato, relevo e clima influenciam na distribuição e organização da fauna e flora sobre as cangas, ou seja, nos campos rupestres ferruginosos. Ao longo desta pesquisa que, diga-se de passagem, se encontra ainda em fase inicial, têm se tornado impossível avançar com qualidade sem contar com a colaboração intensa de taxonomistas, botânicos, zoólogos, bioespeleólogos. Isto ocorre, pois espécies de animais e plantas nunca antes catalogadas têm sido encontradas nas áreas de estudo. Logo, os resultados das pesquisas constituem-se como um somatório dos esforços e conhecimentos de cada um destes especialistas. Sendo assim, qualquer texto publicado terá que, por princípio ético e de justiça, possuir o nome de todos os pesquisadores.

Neste contexto, torna-se claro que o conceito de ser antiético publicar trabalhos de co-autoria entre orientadores e orientados não se aplica a realidade e a dinâmica da Geografia Física. Além disso, a decisão política de impossibilitar a publicação de artigos com vários autores e co-autores por parte de uma revista científica de Geografia, tem como única consequência a de, veladamente, impossibilitar a publicação da maior parte dos trabalhos de ponta na área da Geografia Física junto a este periódico. Sendo assim, se a política editorial adotada pela *GEOUSP* se espalhar pelo Brasil – algo factível de ocorrer, visto que este periódico é publicado por alguns dos programas de pós-graduação que possuem o maior impacto na formação do pensamento geográfico brasileiro – a Geografia Física brasileira corre o risco de ter boa parte dos meios de divulgação nacionais fechados a suas pesquisas. Logo, torna-se possível concluir que uma política como esta causaria um imenso impacto negativo para o desenvolvimento da Geografia brasileira. Ela pode asfixiar a produção de Geografia Física brasileira nas revistas departamentais ou, talvez pior, obrigar a mesma a recuar trinta anos no tempo e voltar a ser uma ciência meramente intuitiva e muito distante das metodologias modernas que atualmente são adotadas por seus pesquisadores e que tanto contribuíram para o seu amadurecimento como ciência em suas várias subáreas.

Por fim, embora não tenha sido objetivo deste texto discutir a situação da limitação do número de autores nos artigos de Geografia Humana ou mesmo nos artigos de interface entre esta área com a Geografia Física, deve se esclarecer que a não discussão desta questão não significa que seja consenso na Geografia Humana que um artigo não possa ter mais de dois autores ou que não existam pesquisadores que considerem ser ético orientadores publicarem em parceria com seus orientandos. Logo, a questão se encontra em aberto na Geografia Humana. Porém, este texto não se ocupou dela, pois seu objetivo foi unicamente provar que tais conceitos não se aplicavam a Geografia Física e, por consequência, não podem ser aplicados a Geografia de uma forma universal.

Considerações finais

O conjunto das observações apresentadas ao longo deste texto demonstra que artigos na área da Geografia Física podem ter vários autores sem ferir nenhum preceito ético. Comprova inclusive o contrário: em muitos casos antiético é resumir o número de autores dos artigos. Com isto, tornou-se possível demonstrar também que visões parciais – incapazes de compreender a Geografia como um todo e de compreender as particularidades de suas diversas subáreas – e equivocadas acerca da aplicação do conceito de ética na autoria de artigos científicos, começam a pôr em risco o desenvolvimento da Geografia brasileira, especialmente da Geografia Física. Deste modo, torna-se urgente os pesquisadores de Geografia Física no Brasil manifestarem as particularidades de sua atividade de pesquisa e entrarem neste debate de ética na autoria de artigos científicos. Caso contrário, em futuro breve, subáreas como Geomorfologia, Climatologia, Biogeografia e Pedologia podem encontrar asfixiadas suas possibilidades de publicação de artigos nos periódicos departamentais de Geografia do Brasil.

Referências bibliográficas

CNPq, 2012. www.cnpq.br – acessado em 11 de Fevereiro de 2012.

SUMMERFIELD M. A.
Global Geomorphology:
an introduction of the
study of landforms
Essex: Longman
Scientific, 1991.